

A negritude de Cesaire era já submetida a uma severa autocrítica pelo seu próprio criador; Senghor insistia, definindo-a ^{quer} como uma mística, quer como ~~x~~ uma filosofia, quer como uma contestação. O que a levava a entrar, por vezes, no grande leito da cultura "ocidental". Léon Damas, ^{por} ~~prós~~ seu lado, ^{havia} ~~tinha~~-se tornado céptico, mordaz, mas também dobrado sobre si mesmo, parecia renunciar. Face à acção, ~~que~~ a poesia ~~imaginava~~ ^{pressupunha} sem a definir, parecia-nos que era muito pouco o que se poderia fazer. Foi neste momento que nasceu como "inventor" duma estratégia nova, Amílcar Cabral, o mestiço de Cabo Verde, o décimo/segundo licenciado da sua colónia de origem, o engenheiro todo cálculos e claridade. Mas também o intelectual refinado, paciente, que alimentava o seu sonho de libertação. Um sonho bem diferente do sonho de Martin Luther King. Um sonho que não era um devaneio individual, uma espécie de inexprimível saudade. Era, antes, um projecto, um programa de acção e de vida, um plano de guerra, um plano de longa preparação específica, uma nova diplomacia, uma experiência do novo: uma ideia sobre o futuro e sobre o ~~necessário~~ ^{necessário} ~~necessidade~~ estudo do tema de fundo: liberdade e necessidade. Ele saía da poesia para se questionar sobre o "que fazer?".

Foi primeiro um rebelde, em seguida um revolucionário e por fim o mais prestigioso dos líderes políticos: todos estes traços dominantes, uma vez juntos, faziam de Cabral um peso insuportável para o equilíbrio quase do Terceiro Mundo. Foi o que lhe disse, numa entrevista que ele me concedeu em Janeiro 1971 em Conakry, para a Televisão italiana (que a seguir a impediu por razões técnicas); e Amílcar corrigiu-me, declarando "Eu não chamaria equilíbrio à situação actual. Pela simples razão de que equilíbrio é uma palavra que subentende regras de justiça; e aqui não existe regra nenhuma, que não sejam de vexame, de violência". E com efeito, os equilíbrios, como se definiam impropriamente as relações de força que regulam o destino do Terceiro Mundo, bateram-se contra Cabral da única maneira que lhes restava; o assassinato, a eliminação física do homem que, desde então, teria determinado uma estratégia de mudança na situação africana.

Há dez anos a guerra estava quase terminada. No território libertado de Guiné-Bissau e Cabo Verde haviam-se realizado eleições regulares: 120 deputados eleitos (dos quais um terço apenas proveniente dos quadros do Partido) preparavam-se para ~~declaram~~ ^{declararem} a soberania nacional e se constituírem em livre República. Amílcar Cabral teria sido designado para a Presidência da República, e eleito. Teria feito uma entrada triunfal na cena internacional, com direitos iguais a todos os outros chefes de estado. Aqueles que lhe ~~tinham~~ ^{havia} chamado um rebelde, um bandido vulgar, teriam que se desenganaram: os governos que se tinham batido contra ele, deveriam estabelecer relações diplomáticas normais com ele.

Ninguém ^{se} ~~teria~~ ~~podia~~ ~~escandalizar~~ se o Papa o fosse receber na sala dos Paramentos, no Vaticano, exactamente como se tinha passado no 1º de Julho de 1970. Cabral teria tido todos os seus papéis em regra para todo o mundo - e teria

pôde dirigir a sua política de contestação ao sistema colonial com a sua autoridade moral e cultural. Teria havido ^{na} verdade, problemas muito graves para o equilíbrio internacional.

Ele era um grande intelectual, não um humanista tradicional. Não teria escrito outros poemas sobre o desejo de liberdade; teria traçado o perfil histórico e cultural da luta contra toda e forma de colonialismo. Como havia dito na conferência de imprensa depois de audiência do Papa, "Nós consideramos o colonialismo uma etapa da história. Não pensamos que os autores do colonialismo fossem maus. O colonialismo é uma etapa de evolução humana com os seus aspectos negativos e os seus aspectos positivos: existe toda uma literatura sobre isto" (Roma, 2 de julho, 1970, na livraria Paesi Nuovi). Expressando o seu pensamento, ele alertava-nos do anticolonialismo romântico e introduzia-nos na filosofia da libertação, na libertação como factor de cultura.

"Nós consideramos que a nossa luta se desenvolve como um ser vivo através de sucessivas etapas de crescimento. Por vezes uma etapa passa depressa, por vezes dura mais tempo. Nós não fazemos as fases: simplesmente alcançamos cada vez que uma etapa é terminada... Se há um direito inalienável para cada homem e para cada povo à sua própria história, se o direito é alienado por circunstâncias históricas, é preciso reconquistar esse direito. Porque só se chega à libertação nacional quando todas as forças produtivas do homem ou do país se encontram livres de toda a dominação estrangeira. Neste sentido a libertação pode ser identificada à revolução. A todos os níveis da vida. Mas é preciso tender ao mesmo tempo para a reconstrução duma nova vida.

Partindo da resistência armada até à resistência cultural e psíquica.

É preciso combater as influências negativas da velha cultura, destruir as fraquezas do colonialismo e construir um homem novo, mais forte, mais capaz... É preciso sempre lembrar que o povo não luta por ideias, não luta pelas coisas que estão na cabeça do homem. O povo luta para obter vantagens práticas, pela paz, para viver melhor na paz e para o futuro dos seus filhos. Liberdade, fraternidade, igualdade, permanecerem palavras vazias para o povo, se não se traduzem numa melhoria real das suas condições de vida.

Encontrei-o pela primeira vez, em 1969, em Paris, na livraria de Présence Africaine, onde ele comprava atlas geográficos, escolhendo-os meticulosamente, ~~em dia~~ ^{atualizados}, bem cuidados do ponto de vista gráfico, não muito grandes, não muito caros. Como um bom mestre-escola, insistia com Alioune Diop sobre a importância da formação técnico-cultural. Disse ele: "a guerra também pode ser um meio de educação. Nós não gostamos dela, mas é preciso utilizá-la para libertar os territórios ocupados e também para formar os quadros dirigentes das futuras nações. Porque, depois da guerra haverá a paz. Os problemas resolvem-se na paz." Pouco depois, conversando os três no pequeno escritório de Alioune, de Lille-nor: "A luta de classes é um valor universal, não se pode reduzi-la a especificidades raciais e linguísticas. Entre nós, falar-se-á a língua mais apta a relacionar-nos com os outros povos da Terra; não estudaremos apenas a cultura, e história africanas, para a apresentar aos jovens como a única história. Os nossos jovens devem ser cidadãos do mundo, devem conhecer a história da África e dos outros continentes. Não nos queremos encaixar num esquema

individual, numa cultura específica, num mito tradicional; querera viver como os outros, com os outros, medirmo-nos com todo o mundo, com brancos, negros e aquarelos."

Isso foi para nós uma grande lição sobre os valores humanos do internacionalismo. Ele fez-nos compreender que a tradição era seguramente um grande valor, mas já não era mais o ~~único~~ único valor único dos negros. Uma época tinha passado, outra nova ia começar.

Era uma passagem de grande importância. Como Cabral dizia em seus discursos "É preciso educarmo-nos a nós mesmos e aos outros a combater o medo, a ignorância, a limitação e sujeição à natureza, as forças da natureza, que a nova inteligência económica tão convergente ainda domina. Lutar sem inútil violência contra os aspectos negativos perigosos para os homens, que fazem ainda parte das nossas crenças e tradições. Convencer os homens de que chegaremos a vencer o medo, porque o homem é mais forte".

Enquanto de falava, lembrava-me da "canção do engenheiro" que os primeiros camponeses libertados cantavam nos arrozais: "o engenheiro que tinha dito que a mentira se transformará em verdade".

A opinião dos ocidentais era outra coisa. Como diz Cabral no prefácio do livro de Basil Davidson LIBERTAÇÃO DA GUINÉ editado em italiano por Einaudi, "A Europa cartesiana e superdesenvolvida exige o objectivo que uma guerra pode dar: o dos feridos e dos cadáveres".

tornar os católicos a Igreja é pela libertação do homem, é contra toda a violência e toda a opressão. A saída do Vaticano após a audiência de Paulo VI., Cabral disse: "Durante os 20 minutos da audiência a Igreja fez mais que o resto do mundo durante os dez anos da nossa luta".

A 16 de Outubro de 1972, falando na IV^a Comissão das Nações Unidas, ele pediu "que se apoiassem todas as ~~iniciativas~~ iniciativas capazes de acelerar o fim da guerra e favorecer a paz", exprimiu a intenção "de estabelecer relações de cooperação com todos os povos da terra".

Vi Cabral pela última vez em Dakar, a 16 de Dezembro de 1972, no Congresso da União Progressista Senegalesa (UPS), onde Senhor o havia recebido como um chefe de estado. Apresentando-o, ele disse "Cabral é o exemplo da mais lúcida e coerente política africana do nosso tempo", e estridentes aplausos se ouviram na sala. Cabral respondeu: "Não vos falaria de diferenças raciais, mas da igualdade de destinos e de problemas. O PAIGC bate-se pela defesa da legalidade, da paz e do progresso de todos os homens que creem no direito e na felicidade de cada homem".

Fiquei com a impressão de que ele estava consciente de haver começado um novo caminho, de haver começado a fase sucessiva e definitiva do seu curso político, para o qual se tinha preparado durante toda a vida. Mas em vez de prisioneiro da nova realidade, pareceu-me aparecer privado, despojado, de qualquer coisa, numa espécie de defesa misteriosa, que até então, eu tinha discernido ou entrevisto em torno da sua pessoa. Não me pude conter e

disse-lhe: "Cabral, cuidado com o poder. Vais ser em breve Presidente da República. Conserva a tua liberdade e toma cuidado. O poder não perdoa". Ele tranquilizou-me, dizendo: "Os problemas que restam são numerosos, talvez os mais difíceis. Eu sei, a paz é sempre mais difícil que a guerra".

Pareceu-me tratar-se de conclusão dum intelectual, mas nós sabemos hoje, que a sua morte é o final da hipótese da paz.

O seu assassinato demonstrou que a sociedade violenta e conflitual do nosso tempo pode bem suportar a rebelião, a guerrilha, a guerra mais brutal. Porém, não tolera a coerência do homem que quer atingir ^{os objetivos} o fim da sua vida; assegurar ao seu destino uma validade histórica, que possa marcar uma nova e irrevogável etapa para o progresso humano.

Marcella Glisenti:

Simpósio de Cabo Verde

17, 18, 19, 20 de Janeiro 1983

Décimo aniversário de morte de Amílcar Cabral